



Dia dois: a cena portuguesa

O segundo dia do Festival é dedicado ao teatro português, com dois espectáculos em Almada e dois em Lisboa: o Teatro do Bairro estreia *Colónia penal*, de Genet, e os Artistas Unidos arrancam com a carreira de *Nada de mim*, de Arne Lygre, com duas sessões quase seguidas. No TMJB, o Teatro Nacional São João apresenta *Lulu*, de Wedekind, e a Companhia de Teatro de Almada *Bonecos de luz*, de Romeu Correia.



Fotografias de Rui Carlos Mateus, João Tuna e Jorge Gonçalves

Bonecos de luz, *Lulu* e *Nada de mim*: três espectáculos em português no segundo dia do Festival

Lulu, estreada no mês passado no Teatro Nacional São João, representou a estreia absoluta no nosso País de uma das mais emblemáticas peças de Wedekind. Depois de *Emilia Galotti*, de Lessing, e de *Os últimos dias da Humanidade*, de Karl Kraus, Nuno M Cardoso regressa a um clássico da dramaturgia mundial para abordar (também) o papel da Mulher na sociedade de hoje. Partindo do mote, lançado por Edward Bond, de que *Lulu* é um texto sobre o poder corruptor do capitalismo — no qual o sexo é uma metáfora das relações de poder estabelecidas entre as personagens — Nuno M Cardoso resolve encenar *Lulu* para denunciar “o castigo do patriarcado contra as mulheres que tentaram ser livres”. Para o encenador do Porto, “isto ainda não está resolvido — aqui e agora”. Numa acção que se divide entre Berlim, Paris e Londres,

“cada estado tem uma estética específica, e cada estado é um reflexo da evolução de *Lulu*, que também tem que ver com as leituras que os homens fazem sobre ela. Os seus olhares são redutores, porque estão transformados pelo desejo, e pelas questões sociais, culturais e educacionais”.

António Pires e João Botelho

António Pires encenou e João Botelho realizou o filme de *Colónia penal*, a peça inacabada de Jean Genet que começou por ser um guião para um filme e constitui a sua autobiografia irreal — no fundo, o texto súplica da estética do Autor, que o teatrólogo Michel Corvin editou postumamente a partir dos seus manuscritos. A morte violenta, como libertação, no contexto de uma colónia penal no meio do deserto, é apresentada em 12 cenas que António Pires descodificou e manteve numa

forma fragmentada. A ligar esta sequência encontra-se uma dupla de personagens misteriosas: as sentinelas que vigiam o deserto e a colónia, e que discreditem sobre temas metafísicos, que contrastam com as relações violentas e promíscuas entre os condenados.

Estreia na encenação

Nada de mim constitui a estreia de Pedro Jordão na encenação, num espectáculo que ficará em cena no Teatro da Politécnica até ao fim do Festival. Para o jovem encenador, o texto de Arne Lygre “*captura-nos porque é maravilhoso e cruel. A fantasia que nos propõe é absolutamente real: é abstracta na forma, mas ancora-se no quotidiano*”. Em cena temos dois casais: quatro personagens que se confrontam entre si — e contra si. Jordão augura que “*quando sairmos da sala, o lugar será outro, depois de já ter sido muitos: mas*

faltarão as sombras dos corpos incapazes de serem aqui e ali, e a ausência que não podemos resolver é a nossa”.

Revisitar Charlot

Para assinalar o centenário do nascimento do dramaturgo almadense Romeu Correia, a CTA estreou no ano passado um espectáculo para o público juvenil, com música ao vivo e um elenco jovem e versátil. *Bonecos de luz* resulta da adaptação de uma novela do autor de *O vagabundo das mãos de ouro*, e conta-nos a história de Zé Parda, um “filho das ervas”. Este órfão condenado à indigência descobre no mundo dos filmes mudos, que conhece através de um cinema ambulante, a figura de Charlot, o príncipe dos vagabundos. E é o pícaro criado por Chaplin que lhe dará alento para descobrir uma nova dimensão da sua existência: a da poesia.

“Uma janela para mundos diferentes”

ENTREVISTA COM JOSÉ MANUEL CASTANHEIRA

Inauguram-se esta noite duas exposições na Escola D. António da Costa, da autoria de José Manuel Castanheira: *O pomar das romãzeiras*, uma homenagem à escritora Yvette Centeno, e *A Festa*, a terceira parte de uma exposição que assinala os 40 anos da Companhia de Teatro de Almada na cidade. O catálogo desta última, sobre o Festival, já se encontra à venda.

A terceira parte da exposição CTA: 40 anos em Almada é dedicada ao Festival de Almada, combinando um lado alegre e um lado sombrio. Porquê?

Uma coisa muito óbvia e clara num Festival desta natureza é a possibilidade que temos de observar a pluralidade da geografia humana através do teatro e de muitas culturas. Pareceu-me que era curto e demasiado linear fazer única e simplesmente algo sobre a festa, neste caso concreto através de uma exposição documental. A minha ideia foi estabelecer aqui um dina-

mismo entre a festa e, ao mesmo tempo, a inquietação que preside permanentemente à condição de artista. De facto, temos uma festa; estamos muito contentes porque o Festival está permanentemente em evolução e tem um grande dinamismo – basta ver a forma como se galvaniza tanta gente à volta dele... Mas, por outro lado, acho que não devemos ficar por aí, porque para esse tipo de celebração há outro tipo de coisas ao nível do entretenimento. Penso que não é para isso que existe o Festival. Gostava que houvesse pelo menos

essa janelinha que se abre, para dois mundos diferentes.

E quanto à exposição de homenagem no Átrio da Escola?

Eu tenho uma enorme admiração pela Yvette Centeno há muitos anos. Aquilo que eu tentei fazer aqui, com esta modesta contribuição (porque é, com certeza, ao pé da obra dela), e da qual espero que ela goste, é baseado em três ou quatro coisas que me tocaram especialmente: a sua paixão pelo *Cântico dos cânticos*; a grande admiração pela obra do Pamuk; a

simbologia da romã... A romãzeira é simbolicamente muito importante na obra da Yvette Centeno e na obra do Pamuk, e pareceu-me que era um bom ponto de partida, uma ponte possível entre mim e a obra da Yvette Centeno. Depois também há aquele poemazinho que eu cito no texto... Esse sim foi o primeiro degrau. Há uma série de coisas aqui que me encaminharam para o bosque, para o jardim, para o fruto, para a cor, para a poesia. A ideia era ter um jardim oculto, ao qual se pode chegar através de um percurso iniciático.



Fotografia de Rui Carlos Mateus

Inscrições abertas para formação com Olga Roriz

Olga Roriz é o rosto da quinta edição de *O sentido dos Mestres*, uma iniciativa que, nos últimos anos, tem trazido a Almada criadores como Luis Miguel Cintra, Peter Stein, Ricardo Pais e Juni Dahr. O objectivo passa por pôr os “mestres” em contacto com profissionais, estudantes e espectadores das artes de palco, incentivando a troca de experiências. Olga Roriz estará na Casa da Cerca nos dias 9, 11 e 12 de Julho e as inscrições para estas tardes de formação continuam abertas. Têm um custo associado de 20€ (10€ para os detentores de uma Assinatura do Festival de Almada) e requerem o envio de CV e carta de motivação para geral@ctalmada.pt.



Fotografia de Rui Carlos Mateus

500 assinaturas vendidas

O 35.º Festival de Almada arranca hoje com mais de 500 assinaturas vendidas. Quase duas centenas de espectadores procuraram garantir a sua entrada ainda antes de conhecerem a programação na íntegra e a esmagadora maioria usufruiu da promoção que esteve em vigor até 30 de Junho, pagando 60€ ou 48€ (no caso de ser membro do Clube de Amigos do Teatro Municipal Joaquim Benite) pelo acesso aos 24 espectáculos. Restam já poucos títulos à venda, podendo ainda adquirir a sua assinatura na bilheteira do Teatro Municipal Joaquim Benite, na FNAC e em www.ctalmada.pt. Estão também à venda entradas avulso para os espectáculos na Sala Principal do TMJB.

AGENDA DE AMANHÃ

TEATRO DA POLITÉCNICA

18h e 21h **Nada de mim**

TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE

20h **Bonecos de luz**

21h30 **Lulu**

TEATRO DO BAIRRO

21h30 **Colónia penal**

RESTAURANTE DA ESPLANADA

Hoje

- Porco assado com figos
- Bacalhau com molho verde
- Feijão manteiga frito com feta, espinafres e sumagre

Amanhã

- Frango à moda marroquina
- Pataniscas com arroz de feijão
- Fatiões de abóbora com natas azedas

